

"Parem este crescimento suicida"



Qual a "receita" para resolver os problemas da cidade?

A questão, ambiciosa, recebeu outra pergunta como resposta. "Será que algo pode ser realmente feito?" Para o ex-prefeito José Carlos de Figueiredo Ferraz, o destino da capital paulista se apresenta, hoje, como uma "indagação angustiante". Entre outras coisas pela aparente falta de uma consciência das autoridades a respeito de como agir diante do problema.

Estas preocupações deveriam absorver e monopolizar as atenções político-administrativas de quantos governos se sucedem — destaca — na tentativa de controlar-se a marcha inexorável rumo a um brutal e deformante crescimento. Mas outras perguntas se sucedem.

Seria legítimo limitar estas preocupações apenas ao caso de São Paulo? "A esta cidade gigante e paradoxal, a um só tempo dinamo propulsor do desenvolvimento nacional e penalizadora implacável dos que nela vivem e trabalham."

O que dizer do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte, Salvador, Recife? O que dizer de todas as capitais e outras cidades menores que se avolumam sob enorme pressão demográfica, exercida por fluxos migratórios contínuos e crescentes, para inundá-las com problemas urbanos agudos e intransponíveis?

Que realidade é esta, onde forças repulsivas se conjugam para expulsar de outras regiões enormes massas populacionais? Como explicar esta atração urbana, em meio a tantas carências? O fenômeno paulistano é um caso isolado, conclui Ferraz. "É, sim, o maior e mais sugestivo testemunho de um crescimento nacional desequilibrado, a demonstração inequívoca de um desenvolvimento distorcido e comprometedor". O que existe, é um sério problema urbano nacional.

CAUSAS

Figueiredo Ferraz se diz perplexo. "A violência das correntes migratórias, orientadas para os grandes centros, desmontam e acabam por erodir as suas modestas infra-estruturas, fazendo surgir enormes deficiências, cujo resultado é o bloqueio das atividades urbanas. Bloqueios impostos exatamente às molas maiores do desenvolvimento industrial, às células mais importantes do acervo cultural e científico do país".

O ex-prefeito critica o gigan-

tismo de algumas cidades. "Se a vida comunitária, representada pelas cidades, deve visar às chamadas economias de escala para a maior eficácia das atividades humanas, como entender a necessidade de investir, para fins de sua própria sobrevivência e para o desempenho como organismo social, de uma preciosa parcela do seu produto?"

A quantificação dos serviços e obras urbanas das grandes cidades brasileiras — urgentes e absolutamente necessárias para um amparo modesto de seus habitantes — é algo apavorante, acrescenta. A inexistência do dinheiro para fazer isso, contudo, não é o único obstáculo. A realização dessas obras também não resolveria os problemas, porque o tempo exigido para sua realização seria suficiente para acumular outras necessidades, em cidades que crescem entre 4 e 5% ao ano.

Os exemplos podem ser observados na própria cidade, afirma Ferraz. E o metrô seria um deles. "De construção necessária, seus 17,5 km de extensão, que exigiram oito anos de trabalho e mais de 1,2 bilhão de dólares, arcam somente com 3% do total das viagens realizadas diariamente na Grande São Paulo".

No saneamento, estaria um outro exemplo. "Após uma série de indefinições que se arrastam por décadas, não terminou ainda a novela do esgoto em São Paulo. Pouco ou nada se fez no

passado por questões financeiras. E, com isso, o problema se agravou. Hoje, uma solução parcial, para coleta, interceptação, tratamento e disposição final, atinge a fabulosa quantia de 70 bilhões de cruzeiros".

A conclusão, no entender de Figueiredo Ferraz, é uma só: a impossibilidade absoluta de qualquer solução para o problema, "se persistirem os motivos do desvairado crescimento ao redor de reduzido número de centros urbanos".

Sempre seremos expectadores passivos, "incapacitados de reter um processo suicida", argumenta, enquanto o problema urbano brasileiro for considerado isoladamente — supondo-se soluções exclusivamente locais — para perplexidade e desespero dos prefeitos.

"Enquanto um planejamento nacional não disciplinar com medidas severas e até mesmo impositivas, o desenvolvimento harmônico do país, para eliminar ou abrandar as disparidades regionais e conter a expansão industrial confinada à pequena área sudoeste do Brasil; enquanto não se apoiar o edifício nacional em maior número de suportes; enquanto perdurar o império da tecnocracia, miope ou mesmo cega, debatendo-se como particular e abandonando o global, cingindo-se ao cotidiano e ignorando o futuro, não se logrará obter solução para o mais sério dos problemas brasileiros: o problema urbano".